

SABER-PODER E PODER NÃO SABER: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM PALHAÇARIA

Ana Carolina Ferreira¹

Conrado Augusto Gandara Federici²

Resumo

Esse é um texto sobre a experiência realizada no Programa de Aperfeiçoamento Didático do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da UNIFESP, Campus Baixada Santista. Trata-se do módulo eletivo de graduação/projeto de extensão universitária: "Palhaço - aproximação à Linguagem", que contou com a presença de estudantes de graduação de cursos da área da saúde, alunos do projeto UAPI (Universidade aberta à pessoa idosa), artistas e demais interessados da comunidade geral. Durante os encontros foram trabalhadas as temáticas de acolhimento, presença, escuta, jogo e constrangimento, com a proposta de alcançar de forma panorâmica as bases da figura do palhaço desde suas manifestações mais cotidianas até a criação de números. Enquanto experiência de aprimoramento didático (PAD), o módulo possibilitou a vivência da docência no planejamento conjunto e condução dos encontros, evidenciando a importância de uma escuta sensível às temporalidades, receptividade e demandas grupais para a promoção de encontros potentes.

Palavras-chave: Palhaço; Didática; Ensino superior.

Resumen

Este es un texto sobre la experiencia realizada en el Programa de Perfeccionamiento Didáctico del Programa Interdisciplinar de Posgrado en Ciencias de la Salud de la UNIFESP, Campus Baixada Santista. Se trató de un módulo electivo de pregrado/proyecto de extensión universitaria: "Clown - Acercamiento al Lenguaje", que contó con la participación de estudiantes de pregrado de los cursos de salud, estudiantes

¹ Artista circense e psicóloga. Mestranda em Ciências da Saúde pela UNIFESP Baixada Santista e integrante do grupo de pesquisa do Laboratório Corpo e Arte. Membro da companhia Laboratório Livre de Artes Circenses (lacLAB). Investiga as Artes Circenses, cuidado, processos de criação e seus possíveis pactos.

² Professor Associado na UNIFESP - Campus Baixada Santista, coordenador do Laboratório Corpo e Arte (CNPq). Pós-doutorando no LUME - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - UNICAMP. Dedicase à presença, performance e escrita em seus meandros com a formação em saúde.

del proyecto UAPI (Universidad Abierta para los Mayores), artistas y otros interesados de la comunidad en general.

Durante los encuentros se trabajaron los temas de la acogida, la presencia, la escucha, el juego y el pudor, con el objetivo de dar una visión general de los fundamentos de la figura del payaso, desde sus manifestaciones más cotidianas hasta la creación de actos.

Como experiencia de perfeccionamiento didáctico (PAD), el módulo proporcionó experiencia docente en la planificación y conducción conjunta de reuniones, destacando la importancia de la escucha sensible a las temporalidades, a la receptividad y a las demandas del grupo para promover encuentros potentes.

Palabras clave: Clown; Didáctica; Enseñanza superior.

Uma situação - um olhar

Cheguei ansioso pelo começo. Queria logo ver a cara do grupo de Palhaço - Aproximação à Linguagem, senti-lo, percebê-lo em corpos ao vivo. Saindo do elevador, já foi possível ouvir o burburinho. Eu carregava a mochila pesada, água, computador, pasta. Era preciso pegar na zeladoria as chaves das duas salas nas quais o encontro inaugural se desenrolaria. Dar o nome para a moça, registrar o horário de entrada, função, número das salas, assinar a folha.

E o som das pessoas logo ali.

As vontades logo ali.

Ufa, havia pessoas presentes! Como estavam? Que desejos haviam trazido? Boa tarde, olá, olá, estou abrindo aqui, podem entrar, fiquem à vontade...

Eis que nos encontramos, o grupo participante quase completo, após mais de um mês de divulgações, esclarecimentos, detalhamentos, cartas de interesse, projeções e ansiedades, emails de confirmação, decisões, contatos virtuais, grupo de whatsapp, etc.

Era o nosso primeiro encontro, da Carol comigo, como estagiária. Não tínhamos ainda essa experiência de condução conjunta. Abracei-a logo, pois ela chegou chegando. Agradei por ter mais gente junto desta vez. Haveria chance de conversar sobre as escolhas, compartilhar os desafios e, principalmente, rir dos tropeços e torná-los o próprio conteúdo dos encontros. Que sorte a nossa!

Sentia-me atrapalhado. O adjetivo “nervoso” não qualifica bem as sensações que me atravessavam: eu estava habituado, como professor, a trabalhar sozinho com essa

matéria, a palhaçada, há tempos. Desta vez, dispus-me e propunha-nos a dividir, a sair da frente da turma, a buscar estar mais ao lado, para que, justamente, houvesse chance da função de estágio, pela primeira vez, pudesse ser experimentada.

Pois bem, a novidade de estar em dupla naquele dia me embananava mais do que o normal... Sempre lidei com gosto ao me expor e expor os erros e fragilidades dos protocolos, das situações banais, dos encontros novos, do estado primordial de desajuste, performando em ato a experiência mais própria da linguagem em questão, desde “fora da sala de trabalho”, desde antes, desde sempre. Só para poder flagrar o “entre”, o movimento de deslocamento de lá pra cá, daqui pr’ali.

Enfim, era preciso começar, tínhamos um planejamento, as pessoas estavam lá, falantes, exalando a alegria do encontro em potencial, conversando, rindo, comungando a coincidência dos corpos afetivos, em pequenos grupos de conhecidos, trocando e fluindo, rindo, tagarelando, gostando.

Eu saquei isso. Eu já conhecia esse clima e “sabia” que seria fluido poder fisgá-lo, manejá-lo para a entrada e a conversa inicial, combinados mínimos, apresentações suficientes para que o ambiente se mantivesse positivamente como já estava.

Perceber e aproveitar o fluxo emergente eram as ações para as quais eu imaginava que a nossa atenção precisava estar voltada.

Mas eu esqueci a câmera fotográfica no carro.

Era uma das tarefas combinadas: a Carol investiria nos registros e isso era importante. Acordamos que, para a coisa não se estender demais, a conferência dos nomes poderia ser iniciada por ela enquanto eu reparava a situação. Assim, fui.

Tentei correr muito, pois nunca estive ausente daquele (e de nenhum outro) momento de um curso. A “responsabilidade” - ou a prepotência - pesava-me. Percebi que esqueci a chave do carro e voltei, correndo ainda mais rápido, imaginando como seria o encontro, como seria lindo aproveitar a disponibilidade e a energia já expressa pelo grupo blá blá blá...

Cheguei e a porta da sala estava, para a minha surpresa, fechada: abri-a e a turma estava didaticamente sentada em roda e em silêncio escolar. Carol fazia a chamada e cada um respondia na sua vez. Ordenadamente.

E o comedimento, e a moderação, e a norma conhecida intercalavam os nomes de maneira contida e contrastante com a atmosfera anterior.

A cena me impactou: onde teria ido parar o grupo anterior? E o dinamismo que circulava na sala, por que estagnou? Que estado era aquele que se instaurara?

Senti que a confusão entre a minha agitação interna e a idealização de um trabalho que estava só começando se fazia mais presente do que a complexidade do novo processo.

Foi possível e necessário caminhar, respirar e buscar a câmera com mais calma.

Entendi. O percurso não seria como eu havia inventado solitariamente, mas exigia ser inventado, com cuidado, a cada passo, junto dos parceiros de condução (um outro estagiário iria se juntar a nós posteriormente).

A imagem do trajeto porvir ganhou novas cores, novas dimensões, mais entrelaçadas e compromissadas com os jogos que seriam propostos: nossos papéis sociais, de professor, estagiários, pessoas, sofreriam de bom grado as interferências reservadas pelo novo grupo desde nossa primeira união.

Carol e eu. Eu e ela. Nós e o grupo. Nós.

Se bem me lembro, foi possível conversar sobre os aparentes reveses instantâneos, sobre os pequenos e grandes embates entre aquilo que foi pensado e as realidades, sempre soberanas, que se colocam diante de nós.

Acho que rimos juntos dessa e de tantas outras presunções que nos atravessaram o tempo todo. Carol e eu (e depois com o estagiário junto também).

A mesma situação - outro olhar

Era o nosso primeiro encontro e, nas atrapalhações da vida, acabei chegando em cima da hora. Isso me causou uma sensação estranha, como se estivesse em falta, sentindo que precisava ter havido alguma preparação prévia, uma espécie de ritual, algo para cuidar da presença naquele espaço que se inaugurava.

Entrei na sala e as pessoas já estavam lá. Fui tentando sacar a atmosfera do ambiente, mas a afobação atrapalhava minha escuta. Recorri, então, aos olhos de Conrado. Encontrei ali cumplicidade. Respirei.

Ele me pediu para ir verificando os nomes de quem já havia chegado, pois daria um pulo no carro para pegar a câmera fotográfica que usaríamos para os registros. Aquilo me tranquilizou, mostrando que o atrapalhamento não estava só em mim e que ali havia espaço para que ele pudesse existir.

Ao mesmo tempo que me aliviei também me alertei, pensando que estava tudo bem em se atrapalhar, mas que também era importante cuidar do rigor da presença, pois é nisso que se sustentam os encontros. De cara percebi o jogo de tons entre essas energias e da necessidade de ir se atentando às suas intensidades e interações.

As pessoas estavam conversando em pequenos grupos, pelos cantos, entretidos. Fiquei em dúvida de como executar a minha tarefa. Minha figura não chamava atenção ali, o que me deixou desconfortável e feliz ao mesmo tempo.

Chamei a todos e disse quem eu era e o que precisava fazer. Um segundo olhando para a tabela e quando eu vi já estavam todos organizados em roda. Conformidade instantânea. Notei. Me intriguei. Segui.

Dentre os participantes havia uma pessoa com cabelos longos, legging, seios, contornos fortes e voz grave. Perguntei seu nome e ela respondeu. Eu não entendi. Ela repetiu. Ouvi um nome geralmente atribuído ao masculino. Aceitei. Olhei na chamada e não havia aquele nome, mas havia uma variante dele, uma variante geralmente atribuída ao feminino. Senti um frio na barriga. Como proceder?

Não achei delicado esclarecer a dúvida em frente ao grupo, imaginando se o movimento poderia gerar algum desconforto para a pessoa em questão. Não sabia se estava exagerando ou não em minha preocupação. Mas naquele momento eu estava sozinha, em frente ao grupo e precisava tomar uma decisão. Tudo aconteceu em segundos, dentro da minha mente, que também executava a função de controlar as expressões faciais e sacar o ambiente. Resolvi dizer a ela que ao final viesse até mim para procurarmos juntas o seu nome na lista.

Acabou acontecendo outra falta de compreensão de nome, mas, se não houvesse, talvez eu fingisse uma, para que fosse mais de uma pessoa a ter que vir a mim e, assim, aquela primeira não se sentiria tão exposta.

“Cadê o Conrado nessas horas?!”

“Que bom poder me virar!”

Muitos pensamentos e sensações faziam festa no meu corpo, numa abundância bagunceira.

Meu deus, era só uma chamada. Será que eu não era capaz de executar uma tarefa tão simples?!?! Ria por dentro da minha falta de jeito.

Elas vieram até mim e ambas estavam na chamada, afinal. Era aquele nome mesmo. Fiz uma anotação mental para que na próxima edição pudéssemos dedicar um espaço à consulta dos pronomes pessoais de cada um.

Acabou a chamada e Conrado não havia voltado. Instalou-se um silêncio, uma expectativa. Será que eu deveria fazer algo? Será que dizer seria atropelar algo sensível? Tentei sustentar os silêncios...

Fui Tateando o encontro enquanto ele se desenrolava, tentando entender qual seria o meu lugar, sentindo-me desencaixada entre observação, registros e participação. Mas fui percebendo que não era a única ali que estava me situando. Senti no grupo uma atmosfera que mesclava acanhamento e cumplicidade.

Fomos lançar e, para minha surpresa, esse foi o momento em que me senti mais deslocada. Eu seguia sendo estudante da UNIFESP, mas ocupava agora um novo lugar, que evidenciou-se ali, junto dos alunos da graduação.

Havia também toda essa novidade de experimentar o lugar de condução ocupado pelo professor, estagiando no Programa de Aperfeiçoamento Didático, sendo dupla daquele que é meu professor, mestre, amigo, orientador e agora, cúmplice. Ironicamente, essa pluralidade de lugares me fez, naquele instante em específico, sentir que eu não pertencia a lugar nenhum.

Ficou claro, mais uma vez, que não se tratava de ocupar um lugar pré-estabelecido e sim de criá-lo, em conjunto. Entendi que o que me cabia, naquele momento, era sustentar um não lugar, era sustentar um “por-fazer”. Então respirei, relaxei os ombros e comi um pedaço de pão.

O contexto

O lugar do qual falamos afeta profundamente. Mais que isso, determina: tanto o *que* relatamos, quanto o modo *como* o fazemos e, por essa razão, se faz necessário e potente dizer sobre esse lugar.

O Instituto Saúde e Sociedade (ISS) da UNIFESP é composto por cursos de graduação da área da saúde, sendo eles: Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional.

Esses cursos são ofertados de modo **interdisciplinar**, com um espaço relevante em suas grades curriculares para eixos comuns, onde alunos assistem aulas, debatem,

realizam trabalhos e ações em conjunto com os outros cursos. Há também o **entrelaçamento direcionado entre ensino, pesquisa e extensão**, colocando em relação maneiras diversas de produção e difusão do conhecimento, produzindo diálogos entre pessoas em diferentes pontos de suas trajetórias acadêmicas e ainda com pessoas de fora do contexto acadêmico.

Outra prática exercida no ISS diz respeito a **indissociabilidade entre teoria e prática**, não tratando esses termos como opostos antagônicos ou ainda alimentando uma hierarquia entre eles, mas sim buscando construir relações de imanência.

A **profunda conexão com o território** também aparece como uma característica marcante do ISS, com os alunos e professores presentes em atividades de campo e acompanhando o trabalho de profissionais do SUS desde o primeiro semestre da graduação. Essas experiências ajudam a fortalecer a **aliança entre conhecimentos científicos e populares**, trazendo visibilidade e espaço a este dentro do universo acadêmico.

É nesse horizonte que se engendra a experiência que partilhamos nesse texto. “Palhaço - aproximação à linguagem” é fruto de um módulo eletivo³, inicialmente oferecido para os cursos de graduação da UNIFESP - Campus Baixada Santista, além de se constituir também como um Projeto de Extensão, possibilitando a participação de pessoas “de fora” desta universidade, que é pública.

A intenção maior deste amálgama é possibilitar o encontro entre as/os estudantes e quaisquer outras pessoas interessadas na temática, provocando a diferença de pontos de partida que se encontram no interesse comum pela linguagem da palhaçaria.

O ambiente universitário - bem como qualquer outra forma de comunidade - tende naturalmente a sustentar um “perfil” de semelhantes em relação às rotinas de aulas, horários, estudos, vocabulários, desejos profissionais até, enfim, uma certa homogeneidade. Para o trabalho com a linguagem do palhaço, é certo que haveria maior potência tanto quanto mais diverso fosse o grupo. Para ampliar ainda mais essa diversidade, na última edição contamos também com a presença de participantes da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UAPI).

³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, Campus Baixada Santista. Projeto Político Pedagógico do Curso de Educação Física, 2023 [Internet]. Santos: Unifesp; 2023. Disponível em: <https://www.unifesp.br/campus/san7/documentos-ef>. Acesso em: 21 set/23.

Fundamentos teórico-práticos

É possível identificarmos que a linha mestra da iniciativa se apoia sobre uma ética do cuidado⁴, de viés spinozano⁵, ou seja, que se contrapõe a uma lógica causal e à separação cartesiana entre o corpo e a mente, com uma consequente hierarquia entre duas partes distintas. Este posicionamento faz-se fundamental para localizar a importância das experiências corporais em todos os encontros e o movimento contínuo de busca de potencialização das ações pela percepção das oscilações entre alegria e tristeza como afetos primários, além do desejo. Pelo conceito do próprio filósofo:

Assim, por alegria compreenderei, daqui por diante, uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior. Por tristeza, em troca, compreenderei uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Além disso, chamo o afeto da alegria, quando está referido simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação ou contentamento; o da tristeza, em troca, chamo de tristeza ou melancolia (Spinoza, 2009, p.107)⁶.

O segundo pilar teórico a ser destacado pode ser vislumbrado, no campo do ensino da palhaçaria, na crítica das pedagogias opressoras e do sofrimento⁷, pois são herdeiras de procedimentos descontextualizados e já anacrônicos no Brasil. Estas têm se valido de atividades de cunho exagerado em torno da disciplina, chegando ao ponto de se tornarem humilhantes, na tentativa de justificar um certo esgarçamento dos papéis sociais bem delimitados do “dono do circo”, eurocentrado, e da figura do palhaço. Em contraponto, temos valorizado mais as experiências⁸ estéticas, no sentido de possibilitar situações coletivas de autodescoberta, prazer com o erro em cena, graça, leveza e rigor com questões contemporâneas que se encontram em franco período de transformação.

Como terceiro eixo a ser salientado, parente mais próximo do livre brincar infantil, trazemos o jogo⁹. No jogo - sobretudo no jogo cênico - os participantes conseguem frequentemente discernir com simplicidade as regras imprescindíveis de seu funcionamento e identificam nos erros o avesso inerente à linguagem do palhaço.

(...) uma atividade livre e conscientemente tomada como “não-séria” e

⁴ MASETTI, M. *Boas misturas: A ética da alegria no contexto hospitalar*. São Paulo: Palas Athena, 2003.

⁵ Baruch Spinoza, filósofo holandês do séc. XVII, .

⁶ SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

⁷ Para aprofundamento: BARROS, R. *Palhaço de Rua - A experiência de um artista latino-americano - Um estado de risco*. São Paulo, Giostri, 2022, p.92-97.

⁸ BONDÍA, J. L.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, jan. 2002.

⁹ RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar*. Tradução de Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites temporais e espaciais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras (Huizinga, 2008, p.16).¹⁰

Este breve e sucinto circuito teórico se completa na percepção de que o ato de jogar tem como condição primária o prazer, em muitas das vezes conquistado com o aumento da potência de ação, isto é, a alegria.

O corpo do trabalho e o corpo coletivo

O que parece vir sustentando os encontros é justamente uma espécie de artesanaria, que começa antes mesmo do início dos encontros, com a gestação da ideia e a criação de um espaço possível para que ela aconteça, criação essa feita a muitas mãos, que, antes de tudo, aprendem a compor em conjunto. A aproximação à linguagem vai acontecendo desde as primeiras trocas de mensagens, de modo sutil e delicado, deixando algumas pistas.

O objetivo dos encontros vem sendo a introdução à experiência estética e a linguagem cênica do palhaço como recurso de vida, sua re-invenção e atuação profissional integrada. A pergunta que nos atravessa permanentemente é: qual a contribuição de experienciar a palhaçaria para a formação de profissionais da saúde?

No curto trecho histórico tateado até aqui, a oferta desta matéria comunga uma trajetória e experiência profissional originária como artista na área da saúde¹¹ com o Projeto Político Pedagógico da Unifesp, que acolhe as possibilidades inventivas e plurais na constituição curricular. O módulo-projeto-disciplina se insere no contexto do Laboratório Corpo Arte da UNIFESP¹², que “trata do corpo e suas práticas a partir do olhar das humanidades e da arte”, e que atua desde 2011.

Metodologia

¹⁰ HUIZINGA, J. Homo Ludens. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.

¹¹ No trabalho do elenco e escola dos Doutores da Alegria/SP.

¹² <https://www.unifesp.br/campus/san7/pag-principal-corpo-e-arte>

A fim de realizar a aproximação à linguagem para a mescla pretendida de pessoas, foram eleitas as seguintes temáticas, a serem tocadas em cerca de 40h de trabalho: acolhimento, presença, escuta, jogo e constrangimento, reservando os encontros finais para tentativas de composição entre estes assuntos.

Por que trabalhar com este arco de temáticas na pedagogia do palhaço? Por duas razões que se afetam mutuamente: primeiramente por serem assuntos comuns, concernentes à linguagem e também à formação do profissional da saúde, e, a segunda, por ser possível tangenciá-los ao mesmo tempo nas relações inerentes a nós, professor e estagiária, e com o grupo participante. Ou seja, sentimos que acolhimento, presença, escuta, jogo e constrangimento vêm sendo, de forma bem especial, constâncias de convivência entre nós e entre nós e os outros.

Vejamos como: o acolhimento para nós diz respeito à forma amorosa¹³ de recepção de pessoas, todas elas, em toda a sua complexidade e o contato brincante e leve com as graças típicas do palhaço. A passagem serena entre o “acidez” do mundo contemporâneo e a “ingenuidade” cênica da linguagem é imprescindível e contrasta com as pedagogias mais tradicionais de choque e truculência na descoberta de uma personalidade idealizada do palhaço e na separação entre arte e vida. Para a/o estudante da saúde em formação é possível admitir que os recursos de abordagem e inauguração de vínculo entre pessoas ainda desconhecidas será uma situação cotidiana durante o percurso profissional. Brincamos com isso de muitas maneiras: cantando, fazendo pega-pega em marcha atlética e pega-abraço, realizando momentos de toque e massagem em dupla, dentre várias outras atividades de socialização e exposição bastante sutil.

Da mesma maneira, o exercício lúdico com as temáticas da presença e da escuta favorecem abdicar em um primeiro momento dos preconceitos e imaginações a respeito do outro - em cena ou no cotidiano - para que se lide com a concretude das situações, característica esta determinante da linguagem. O palhaço tende a ser “literal” e, para se chegar a isso, a prática da consciência sobre o estado de si - princípio da presença - e a percepção dos estados alheios, humanos e não humanos, - princípio da escuta - é

¹³ Ressoando com o pensamento de Bell Hooks, o amor é entendido aqui como uma ética de vida, ampliando os seus sentidos habituais pelos quais o amor é visto apenas como um sentimento vivido em instâncias privadas da vida e inserindo todas as dimensões do amor – respeito, conhecimento, responsabilidade, compromisso, confiança e cuidado – na vida cotidiana e em comunidade. Mais informações em: HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

fundamental. Dentro destas temáticas, como exemplos, fizemos o jogo do “sim”¹⁴, do “que legal”¹⁵, caminhamos muito percebendo as demais pessoas, imitando-as, variando e exagerando trejeitos emersos das observações, jogo do “um para, todos param, um anda todos andam”, el todo¹⁶, jogo do aplauso¹⁷, novamente, dentre várias outras atividades que colocavam em simultaneidade a atenção “para dentro” e “para fora”.

O jogo, conforme já anunciado nos aspectos teóricos, talvez seja o chão principal de todo o trabalho devido à sua constituição e princípios inconfundíveis: tempo e espaço delimitados, extra cotidianidade, o faz de conta e o desejo como pré-requisito de sua realização. Como um tema específico e não somente como recurso metodológico, foi possível explorá-lo em sua riqueza mais despojada e descompromissada em contraste, novamente, com a corrente sisudez contemporânea e seus imperativos. Como exemplos, fizemos improvisações com objetos, jogo do rouba pato (que realiza uma pedagógica passagem do jogo competitivo para o jogo cênico), roda de histórias, roda de piadas, dentre diversos outros dispositivos capazes de criarem um campo aberto, instável e provisório de experimentação.

A temática do constrangimento, enfim, aponta para a emersão sensível da vulnerabilidade como matéria de laboração (mais do que elaboração) na linguagem artística e na formação em saúde. O fundamento do palhaço como personagem de si mesmo pode ser insinuado por meio de situações de exposição deliberada do ridículo de cada um, emolduradas pela sensação de segurança e conforto, no mais das vezes, da grupalidade gestada. Nossa pretensão era a de que o risco da vergonha estivesse sempre presente, como matéria a ser experimentada, mas de forma que fosse perceptível e aceito não somente pelo peso da individualidade isolada, mas pelo agenciamento das singularidades “abraçadas” coletivamente. Dentre as atividades realizadas, destacam-se o

¹⁴ Jogo no qual os participantes realizam proposições que são acolhidas pelos demais participantes através do “sim”, em um estado que mescla delicadeza de propostas e abertura aos convites do outro.

¹⁵ Jogo em que uma dupla, diante de uma plateia, apresenta algo para os demais e sua dupla responde com a frase “que legal!”, depois a dinâmica é invertida e repetida, experimentando a improvisação cênica e o estado de exposição.

¹⁶ Jogo em roda no qual uma energia é transmitida de pessoa à pessoa através de gestos e sons previamente combinados e com significados distintos, fortalecendo o estado de presença e o vínculo grupal.

¹⁷ Jogo no qual um participante é guiado pela plateia, através da intensidade de seus aplausos, a um lugar específico no espaço. Trabalha a presença e escuta cênica.

jogo de espelho¹⁸, João Bobo de Caretas¹⁹, a contação, partilha e montagem de histórias e cenas constrangedoras.

Esse arco temático materializou-se nos encontros por meio da repetição de brincadeiras, jogos cênicos, exercícios de presença e consciência corporal já exemplificados, além de escritos e rodas de conversa.

Os bastidores da composição se deram em reuniões semanais de planejamento e um trabalho intensivo organizado em documento compartilhado na nuvem. Utilizando as temáticas como pistas, fomos recheando os encontros de proposições, com um cuidado constante para não transbordar, nos lembrando a cada prosa que o foco não era a execução de exercícios, mas o privilégio de poder degustar o tempo dos encontros: demorar-se em uma proposição, repeti-la em outro dia, ir percebendo o que se transformava, registrar as afetações e trocar com o coletivo.

No final dos encontros, havia o momento do lanche²⁰. Toda semana, convidávamos para que algumas pessoas trouxessem alimentos para partilharmos e conversarmos livremente à uma grande mesa. Para nós era de extrema importância garantir esse momento e assinalá-lo como parte do encontro, pois a “informalidade” planejada abria espaço para acontecimentos muito potentes. Dividir o alimento é uma poderosa maneira de produzir vínculo e grupalidade de modo mais descontraído e socialmente reconhecido.

E desse modo, a cada edição, ia se constituindo uma grupalidade autônoma, que caminhava por si e não era mais tão dependente daqueles que ocupavam o papel de condução. Uma co-responsabilização pela realização dos encontros.

Sempre havia alguém para lembrar ao grupo do planejamento do lanche do encontro seguinte ou de que era preciso levar o nariz vermelho de plástico. Os condutores não precisavam mais organizar o espaço antes ou depois das práticas, porque as pessoas se dispunham a isso. O movimento de sustentação grupal foi se capilarizando de tal modo

¹⁸ Jogo em duplas onde a proposta é imitar ações e gestos do outro, em um convite à observação e à assumir novos lugares no próprio corpo.

¹⁹ Jogo em que uma pessoa conta alguma coisa para uma plateia, enquanto 3 ou 4 pessoas imitam-na provocativamente por detrás dela, sem que ela veja, enquanto ela tenta flagrar de onde pode estar vindo o riso.

²⁰ A comensalidade – ato de partilha da mesa, comer e beber junto do(s) outro(s) – para além da saciação de uma necessidade fisiológica, tem importantes funções sociais, com destaque para a criação e fortalecimento de vínculos. Mais informações em: GIMENES-MINASSE, M. H. S. G. O fenômeno da comensalidade e suas funções sociais: uma discussão preliminar. Revista Mangút: Conexões Gastronômicas. Rio de Janeiro, v. 3 n. 1, p. 162-175, jun. 2023.

que a impressão era de que os objetos iam se arranjando sozinhos, como nas fábulas infantis.

Resultados: saber-poder e poder não saber

Vivenciar a transformação de um *agrupamento* inicial de pessoas para um *grupo* verdadeiramente é uma coisa bonita de se ver, ainda mais levando em conta a grande diversidade entre os participantes, que, embora fosse muito rica e potente, também trazia consigo desafios. Havia aqueles que se colocavam mais, outros menos, aqueles que corriam muito rápido e outros que andavam a passo lento em três apoios, dois pés e uma bengala. Movimentos de expansão e retração, rapidez e lentidão, maneiras diversas de olhar o mundo e se colocar nele. A condução era, sobretudo, sobre agenciar a diversidade de intensidades presentes no grupo, como pequenos toques para se manter uma bexiga no ar.

Conviver com tanta diferença pode ser árduo e existem respostas já bem estabelecidas socialmente para lidar com a situação, como o afastamento ou a violência. Para sustentar essas diferenças e jogar com elas era preciso, constantemente, produzir linhas de fuga, resistir à tentação de caminhos que já estavam dados e a uma sensação de urgência que nos atravessa o tempo todo. Era preciso parar, respirar e abrir espaço para novos possíveis acontecerem.

Em um dos encontros nós aprendemos a tropeçar e a cair, de modo que produzisse riso e sem se machucar. Essa cena, de cada um por vez exibindo os seus tropeços para os demais, diz muito sobre o que propusemos aqui.

Esse lugar de tropeços, vulnerabilidades, desajeitamento e não saber abre espaços para que o encontro possa acontecer. Pois encontrar é vulnerabilizar-se, é se despir de supostos saberes e posições hierárquicas para estar ali, junto do outro.

Mesmo em uma posição de condução grupal, é preciso haver escuta para entender quando o grupo precisa de mais direcionamento para não desintegrar ou quando precisa de espaço para poder fluir e criar. Essa nunca é uma medida que está dada. Ela se transforma a todo o momento e é feita **com** o outro.

É nessa vulnerabilidade e abertura para as dimensões sensíveis do encontro que se encontram o trabalho em saúde, a palhaçaria e, também, a docência.